



PORTUGAL DEMOCRATICO

ANO XI — N.º 120 — SÃO PAULO, AGOSTO DE 1967 —

REDAÇÃO: RUA CONSELHEIRO FURTADO, 191. — SALA 2 — CAIXA POSTAL — 6248

O BISPO DO PORTO DEVE VOLTAR!

A Secretaria de Estado do Vaticano pediu oficialmente ao governo de Salazar, no mês passado, a imediata reintegração do bispo do Porto nas suas funções eclesiais. Habitualmente, esse tipo de iniciativas diplomáticas é empreendido discretamente, não lhes sendo dada qualquer publicidade. Mas não desta vez. O "Osservatore Romano", órgão da Santa Sé, publicou a notícia e a imprensa internacional foi devidamente informada da diligência de Paulo VI. Observadores romanos muitos ligados à Igreja admitem que o Papa agiu desse modo para tornar mais difícil uma recusa ao seu pedido. Sendo pessimista quanto às possibilidades de ver atendido um apelo formulado secretamente, através dos canais diplomáticos, o chefe da Igreja preferiu tornar pública a sua iniciativa para mobilizar a opinião pública internacional em apoio do seu pedido e particularmente a de milhões de católicos portugueses.

Não se exclui a hipótese de que o assunto da volta de D. António Ferreira Gomes à sua diocese tenha sido abordado pelo Papa durante a sua breve entrevista com Salazar em Fátima. O ditador teria respondido com evasivas e, agora, Paulo VI, bastante incomodado ao que parece com as críticas generalizadas que a sua visita a Fátima provocou em todo o mundo, desejaria oferecer uma prova de que Roma não se sente de modo algum solidária com o fascismo português. Daí o apelo formal para a volta a Portugal do bispo do Porto e a sua reintegração na respectiva diocese.

Seja qual fôr o resultado do gesto papal, não há dúvida de que o Vaticano acaba de colocar Salazar em posição extremamente difícil. Quando a propaganda fascista contava ainda extrair largos benefícios da visita do Sumo Pontífice, a atitude de Paulo VI, desenterrando o "dossier" de D. António Ferreira Gomes, veio estragar o efeito da peregrinação papal. Para Salazar, o pior não é tanto o diálogo com o Vaticano, pois está acostumado às suas subtilezas e não esquece que Roma já aceitou uma vez a transferência de D. António Ferreira Gomes para o Exterior, ante a ameaça de ver processado o prelado português. Poderia portanto Paulo VI conformar-se com uma recusa delicada. Também recentemente a Secretaria de Estado do Vaticano não gos-

tou que o fascismo português proibisse as homenagens à memória do bispo da Beira e, contudo, esse desagredo não se traduzia em quaisquer consequências práticas. O lado desastroso da iniciativa papal é outro: a imensa autoridade que ela vem dar aos católicos portugueses para exigirem do governo a volta de D. António Ferreira Gomes. Chegamos notícias de que se acha já em curso um grande movimento nacional de apoio à iniciativa de Paulo VI. A hierarquia católica portuguesa não pode, na emergência, tirar Salazar de dificuldades. Nem o cardeal Cerejeira nem qualquer bispo português tem agora a menor autoridade para desaconselhar os fiéis de exigir do governo o que lhe pede Roma.

D. António Ferreira Gomes é um patriota que merece o respeito e a admiração de todos os anti-fascistas portugueses, independentemente das suas convicções religiosas. A sua carta de 1958 denunciando o fascismo e proclamando o direito que assistia a qualquer católico de o combater é hoje um documento histórico. Mas não é apenas por um dever de gratidão que, católicos e não católicos, estão hoje a seu lado, exigindo a sua volta ao Porto. O gesto do Papa acaba de abrir ao povo português a oportunidade para uma batalha em que a unidade anti-fascista será posta à prova. A mobilização popular em defesa dos direitos de D. António Ferreira Gomes é um acontecimento de extraordinária importância.

É a altura de recordar que Salazar expulsou também de Portugal o padre Alves Correia, que prendeu e torturou os padres Pio e Perestrelo, que mantem praticamente encarcerados em instituições religiosas os padres Pinto de Andrade, Domingos Gaspar, Osório Gaspar, Franklin da Costa, Martinho Samba, Lino Guimarães e Alexandre do Nascimento.

Todos esses nomes devem agora ser lembrados e exigido o seu regresso ou libertação. Uma certeza temos: a unidade dos católicos com as demais forças anti-fascistas em acção no cenário português sairá fortalecida da luta que o apelo de Paulo VI veio desencadear. Salazar esperou 40 anos pela visita de um Papa; dois meses após a colimação desse velho sonho, o seu divórcio da massa católica é mais profundo do que nunca.



D. António Ferreira Gomes

OS PESCADORES DE VIANA DÃO UM EXEMPLO DE LUTA

Os pescadores de Viana do Castelo acham-se há meses empenhados numa luta em que vêm dando provas de grande combatividade na defesa dos seus legítimos interesses. A nova lota, inaugurada oficialmente a 24 de Março, ainda não entrou em funcionamento por ter sido boicotada pela classe piscatória que se considera prejudicada pelas normas estabelecidas pelas autoridades. Afirmam os pescadores que a arrematação do peixe por caixas de 30 quilos elimina da lota os pequenos compradores, como as chamadas peixeiras, favorecendo os intermediários que, de prévio acordo, fixarão preços ruinosos para a compra do pescado. O sistema previsto pela Junta Central da Casa dos Pescadores coloca os piores aventureiros a coberto, pois lhes permite inclusive operarem indiretamente através de representantes. Os pescadores ficarão sem saber a quem venderam o seu peixe, limitando-se a receber o dinheiro na caixa, após as arrematações. Para cúmulo, as autoridades querem elevar o dízimo de 2% para 3,5% e cobrar uma taxa especial de três es-

garem como habitualmente em cudos por cada peça de pescado vendida na lota.

Revoltados, os pescadores, representados pelos arrais das "motoras" foram, dias antes da inauguração da lota, expôr as suas reivindicações — manutenção do dízimo e funcionamento da lota nos moldes antigos — às autoridades marítimas de Viana do Castelo. Como essa concentração não tivesse produzido quaisquer resultados, promoveram depois, acompanhados das mulheres e dos filhos, outra, junto da Capitania. O povo aderiu à manifestação e mais de um milhar de pessoas reuniu-se em frente do edifício, enquanto os arrais expunham o problema. Como a resposta foi negativa, a multidão, à saída, vaiou as autoridades. Posteriormente houve mais duas concentrações na Casa dos Pescadores.

Ante o rumo dos acontecimentos, os pescadores tomaram a deliberação de boicotar a lota de Viana do Castelo. Para não serem eles próprios e as famílias vítimas da luta e para não deixarem a população mais pobre sem peixe continuaram a ir para o mar com os seus bar-

cos, mas, em vez de o descarregar como habitualmente em Viana passaram a vendê-lo em Vila Praia de Ancora, Amorosa e Povoia do Varzim. É aí que os negociantes e as peixeiras de Viana vão agora comprá-lo, em lotas realizadas pelo processo antigo, levando-o depois para a cidade onde é vendido normalmente.

Os pescadores estão dispostos a resistir, mantendo o boicote da nova lota, mas precisam do apoio da população. Esta não lhes tem até agora faltado com a sua solidariedade, quase não comprando o peixe que uma camioneta dos Serviços de Abastecimento de Peixe traz diariamente de Matozinhos. Por outro lado, um arrais que se prestou a servir de instrumento às manobras das autoridades, discurando na inauguração da lota, suicidou-se quando os companheiros, revoltados, lhe destruíram os aparelhos de pesca e o motor do barco.

Lutas de trabalhadores

NA CARRIS — O pessoal da Carris de Lisboa encontra-

se novamente empenhado numa batalha reivindicativa. Na última semana de Maio realizou-se uma grande concentração em Santo Amaro, junto do gabinete da direcção. A maioria dos participantes eram condutores, revoltados com a recusa do aumento de salários. Como não aparecesse nenhum funcionário superior, realizou-se nova concentração no dia seguinte, mais numerosa e barulhenta. Dessa vez apresentou-se numa das janelas um director que, pouco à vontade, declarou que lamentava muito mas a companhia não se achava em condições de conceder quaisquer aumentos, no momento. Entretanto, logo que fôsse autorizado o reajustamento dos preços das passagens nos autocarros, o pessoal seria atendido... caso desistisse de fazer concentrações. A reacção dos condutores e dos seus companheiros exasperou a direcção da empresa. No dia seguinte, no mesmo local, a concentração foi ainda maior. Mas, ao invés de um director, quem apareceu foi a PSP, acompanhada de vários agentes da PIDE... Não chegou

(Continua na pág. 6)

Nesta edição:

- LIBERDADE PARA ABOIM INGLÊS — Pág. 6
- ESTUDANTES PRÉ-SOS — Pág. 8
- OS ALEMAES COM-PRAM TUDO — Pág. 7
- 700 AVIÕES DE GUERRA — Pág. 3
- VIVA O BENFICA — MORRA SALAZAR! Pág. 3
- AS GUERRILHAS DA GUINÉ — Pág. 5
- DECLARAÇÕES DE MONDLANE — Pág. 5
- UMA REPÚBLICA DE COLONOS — Pág. 4

Sobre Alguns Aspectos da Situação Política Nacional

II

É um facto que o regime está minado pelas suas contradições internas. Mas daí a supor que os seus elementos mais lúcidos estejam dispostos a servir de instrumento à colimação da política de sectores oportunistas da Oposição vai uma distância intransponível. O problema do desaparecimento de Salazar da cena política vem sendo há muito tema de profunda reflexão para os quadros politicamente mais capazes do fascismo. O diálogo trava-se assim entre interlocutores que procuram ludibriar-se. E a vantagem pende para o lado do clã fascista. Os candidatos mais esclarecidos à herança de Salazar sabem perfeitamente que a actual situação, principalmente pelas suas consequências desagregadoras no campo económico e financeiro, não poderá prolongar-se indefinidamente; e não desconhecem também que os ultras do regime não contam nem com o apoio dos grandes monopólios internacionais nem com a simpatia das democracias burguesas ocidentais. Por outro lado, têm a exacta noção de que Washington, Londres, Bonn, para citarmos apenas os casos mais expressivos, encaram com pavor a ideia de uma Revolução que viesse implantar em Portugal um regime democrático e nacional. É aliás sobretudo o receio que têm de uma movimentação das massas, de consequências e rumo imprevisíveis, o obstáculo fundamental que impede esses fascistas preventivos de deporem Salazar. A análise que fazem da conjuntura e do balanço de forças em presença, leva-os à conclusão de que o Salazarismo sem Salazar pode vir a ser um facto, desde que sejam limadas, oportunamente, algumas das arestas mais cortantes do regime, nomeadamente aquelas que contribuem para uma fácil e ruidosa mobilização da opinião pública mundial contra a ditadura vigente: o terror policial e cultural e a guerra nas colónias. Quanto às chancelarias do Ocidente não se preocupam. Se foram aliadas de Salazar com maioria de razão o seriam de herdeiros mais flexíveis. Só os social-democratas mais ingéniosos podem alimentar a ilusão romântica de que políticos como o sr. Harold Wilson, o sr. Saragat ou o sr. Willy Brandt encariariam com simpatia a destruição das estruturas de um Estado cujo comportamento em face do capital estrangeiro é apontado como modelar pelos grandes monopólios internacionais.

A procura do diálogo com os democratas predispostos à conciliação tornou-se pois quase uma exigência para determinados elementos da **menagerie** fascista. São dois os objectivos principais que visam. Em primeiro lugar, tentam dividir as forças democráticas. E a verdade é que o simples estabelecimento de contactos constitui uma vitória, na medida em que provoca perplexidade e espalha a dúvida e a confusão entre amplas camadas da pequena burguesia, contrárias ao regime mas tradicionalmente tímidas e propensas a deixarem-se emba-

lar por ilusões legalistas ou golpistas. O outro fim a atingir é a indispensável cobertura internacional. Os articuladores do Salazarismo sem Salazar precisam de uma caução para manobram no Exterior. Ora, coisa alguma pode ajudá-los mais eficazmente a trocar a pele de lobos pela de cordeiros do que uma aliança táctica com os adversários da véspera. A experiência demonstra que é a fachada sobretudo que interessa às democracias ocidentais. A associação à Europa dos Seis já que a integração é impossível dado o atraso económico de Portugal — tornou-se ultimamente uma ideia obsessiva para os "moderados" do regime, agora grotescamente designados como "fascistas de esquerda".

Para chegarem onde pretendem, apressadamente vestidos de democratas, estão dispostos a fazer concessões de superfície. E, desgraçadamente, são essas promessas que vêm povoando de sonhos cor-de-rosa as mentes de personalidades que se proclamam abertamente anti-fascistas, criando inclusive perplexidades no seio de forças políticas mais estruturadas, afastando-as de uma política de unidade com partidos e organizações de essência popular.

Até que ponto tais democratas têm consciência de que estão servindo os interesses do fascismo? É difícil responder. Mas que não chegarão ao poder real pela mão do clã salazarista é uma evidência.

UMA ESTRATÉGIA ESCONDIDA

Um facto não pode ser contestado. Todos esses elementos não cogitam sinceramente de dispare se movimentam como se fosse de somenos importância o problema fundamental do povo português. Para derrubar ou substituir Salazar — pois destruir as estruturas fascistas e uns contam (julgam contar) com corifeus civis do fascismo, outros depositam as suas esperanças nos militares. Entre os últimos, embora haja democratas com um passado de luta, a cegueira é tamanha que, querendo demonstrar o indemonstrável, asseveram alguns que estão de acordo com as forças mais progressistas no que se refere às transformações a realizar no futuro. Só não explicam, claro, como, dentro de uma cor-relação de forças em que seriam apenas o elemento de cobertura para impor uma programática cuja fácil riqueza e audácia se destinam visivelmente a compensar a ausência daquilo que, apesar de tudo, lhes cria má consciência: a estratégia revolucionária a que renunciaram.

Podem esses democratas mostrar-se tácticos consumados nas suas articulações internacionais e nacionais, mas enquanto teimarem em olhar para além de Salazar, concebendo plataformas políticas sem explicarem ao povo como e com que forças contam remover o obstáculo principal — a existência do Estado fascista — nenhum valor têm, que no-lo perdoem, as referidas plataformas. Uma táctica que não esteja ao serviço de uma estratégia é um

absurdo. Ora, não nos dizem esses democratas o que significa a sua desordenada movimentação no cenário político nacional e internacional. Como pretendem abater o fascismo? Mistério! Donde se conclui que a estratégia existe, permanecendo apenas inconfessada. E o silêncio só pode ter uma explicação. Acreditam naquilo que não se confessa: o golpe. Este, violento ou palaciano, teria como instrumento as Forças Armadas. O velho sonho da quartelada...

Exactamente como acontece com os planos fantasistas de certos elementos isolados que preconizam ações de violência indiscriminada como solução para o derrubamento do fascismo e vêem no terrorismo uma arma positiva, aqueles democratas a que nos referimos excluem também as massas da fase decisiva da luta pela liquidação do regime. A sedução do golpismo é irresistível para uns e outros, com a diferença de que os primeiros se atribuem a si mesmos a tarefa de vibrar os golpes fatais no adversário enquanto os segundos esperam que o Exército lhes abra o caminho do Poder. Os primeiros acusam todos os sintomas da doença infantil do esquerdismo, diagnosticada por Lenin; os segundos contraíram há muito uma forma típica da doença incurável do direitismo, endémica na social democracia portuguesa: a **putschismo**.

A PARTICIPAÇÃO DOS MILITARES

Salazar pode morrer na cama hoje ou amanhã. É uma hipótese que honestamente temos de admitir. Prevendo-a, os partidários do diálogo — com civis e militares — consideram que não dão provas de realismo os anti-fascistas que não aceitam a ideia da conspiração que levaria (pensam) os herdeiros presuntivos do fascismo a partilhar o poder com um segmento das forças democráticas. De todas as esperanças loucas, a mais infantil é sem dúvida a que se baseia na convicção de que um grupo civil-militar capaz de controlar o aparelho do Estado fascista possa vir a agir de mãos dadas com um sector mais ou menos ponderável da Oposição democrática, ajudando-o a destruir... o fascismo!

Há, evidentemente, democratas e democratas. Para todos os que afirmam sem rodeios as suas tendências progressistas, a questão — quer Salazar morra na cama, quer seja derrubado — não é conquistar a adesão dos altos comandos do Exército, mas saber como neutralizar primeiro o Exército para, depois, quebradas as suas potencialidades repressivas, conseguir a adesão dos escalões inferiores aos objectivos revolucionários.

Não cabe aqui uma análise mesmo superficial da natureza e estrutura das Forças Armadas Portuguesas como instrumento da oligarquia fascista. Mas é incontestável que o panorama que oferecem, sob o rígido controle de um Corpo de Oficiais cuja hierarquia reflete tanto a mitologia do regime co-

mo uma cuidadosa política de expurgos, é bem mais desolador do que aquele que justificou há sessenta anos as diatribes de Jaurés ao convidar o proletariado francês a lutar pela destruição de um Exército semi-nacional, semi-democrático e semi-oligarquico. Em Portugal, o Corpo de Oficiais — embora haja numerosas e honrosas excepções — serve disciplinadamente uma política anti-nacional, anti-democrática e oligarquia.

Onde está a lucidez dos democratas que não só esperam como procuram a colaboração de segmentos menos obscurantistas de uma força cujo comportamento, em 40 anos de fascismo, provou de maneira insofismável não ser ela outra coisa senão o instrumento dócil da oligarquia?

O Corpo de Oficiais (empregamos a expressão sempre para designar o conjunto e o espírito que o domina) é, pela formação dos seus membros e pelas suas raízes, incompatível com uma política nacional e democrática. Morto ou desaparecido Salazar, não só não negaria como ofereceria o seu aval a uma política de mistificação. Mas opor-se-ia decididamente — sempre admitindo que lhe coubesse o papel de árbitro — no momento asado a todo o avanço decisivo do processo democrático. Por outras palavras: o Exército, tal como se apresenta, com todas as suas actuais contradições e traumas, aceitaria com alívio uma liberalização de fachada: o salazarismo sem Salazar. Mas apenas isso.

(Continua)

O M. P. L. A. AGRADECE

Por intermédio de H. Carreira, membro do Gabinete Político, o Comité Diretor do Movimento Popular de Libertação de Angola testemunhou a gratidão do povo angolano ao prof. Florestan Fernandes e aos demais signatários de mensagem de solidariedade enviada ao dr. Agostinho Neto no dia do lançamento do livro "Angola, Cinco Séculos de Exploração Portuguesa, de Américo Boavida.

Difusão Europeia do Livro

A EDITORA DOS MELHORES LANÇAMENTOS, ACABA DE ENTREGAR AO PÚBLICO LEDOR NO FIM DA PICADA

a mais recente obra de PIERRE DANINOS, o famoso biógrafo do não menos célebre Major Thompson, numa tradução de António D'Elia.

Aos estudantes, em particular, recomendamos GUIA PRÁTICO DA TRADUÇÃO FRANCESA, de Paulo Rónai, e PRESENÇA DA LITERATURA PORTUGUESA — III, Romantismo-Realismo, do Prof. Massaud Moisés.

Pedidos:

DIFUSÃO EUROPÉIA DO LIVRO
RUA BENTO FREITAS, 362 — 6.º ANDAR
SÃO PAULO

Acôrdo com a F.P.L.N sobre a deserção

A Rádio Voz da Liberdade, de Argel transmitiu o importante comunicado que abaixo reproduzimos:

"Entre a Junta Revolucionária Portuguesa, na sua qualidade de direcção no exterior da Frente Patriótica de Libertação Nacional, e os directórios dos movimentos de libertação que lutam pela independência dos territórios de Angola, de Guiné (Bissau) e de Moçambique, foram estabelecidos acôrdos que garantem a vida e a liberdade dos soldados portugueses que desertam das forças em operação nos territórios coloniais.

Todos os soldados portugueses que desertaram e se apresentaram, ou foram recolhidos por forças combatentes ou populações controladas pelo MPLA, pelo PAIG, ou pela FRELIMO, sempre que manifestaram esse desejo, foram postos em contacto com a Frente Patriótica de Libertação Nacional e puderam ocupar o seu lugar ao lado dos democratas portugueses e continuar a sua vida como homens livres.

Estão criadas condições para ajudar a defender todos os soldados que desertem, todos os patriotas que recusem participar na chacina ignóbil de homens que querem conquistar o direito de viverem livremente nas terras onde nasceram.

RÁDIO VOZ DA LIBERDADE

Ouçã a emissora da Frente Patriótica de Libertação Nacional às quartas e sábados, a partir das 01.15 (hora de Portugal) em ondas curtas de 25, 31 e 49 metros e médias de 230 e 320 metros.

UMA EMISSORA A SERVIÇO DO POVO PORTUGUÊS

Notas e comentários

700 AVIÕES DE GUERRA

No momento em que os comentaristas militares de todo o mundo, escrevendo sobre os acontecimentos do Médio Oriente, manifestam a sua surpresa em face do poderio da aviação de Israel, factor que teria contribuído decisivamente para o êxito da agressão perpetrada contra as nações árabes, um plúmifio salazarista, em correspondência para um jornal brasileiro jacta-se dos progressos realizados pela Força Aérea Portuguesa. Os efetivos desta, em aparelhos de caça e em bombardeiros, seriam presentemente superiores e 700 unidades, isto é 200 a mais do que o total atribuído a Israel e que tanto espanto causou.

Não deve infelizmente, haver exagêro na informação, pois a crónica donde a extraímos é toda ela um repositório de factos e números sobre a aeronáutica militar em Portugal. Na sua estupidez, confessa aliás o jornalista em causa que as Oficinas Gerais de Material Aero-náutico em Alverca acabam de ser dotadas de novas e moderníssimas instalações destinadas exclusivamente à revisão dos caças F-104 G, adquiridos pela nova Luftwaffe nos Estados Unidos, e revela também que os maiores clientes das referidas Oficinas são as Forças Aéreas da Alemanha Federal, dos Estados Unidos e da Inglaterra. As coisas chegaram a um ponto tal que os aviões militares desses países são descarregados directamente em Alverca dos navios que os trazem do estrangeiro e não há quaisquer formalidades ou interferências das autoridades portuguesas. A mão de obra portuguesa é muito mais barata, excelente o nível técnico dos operários portugueses e isso explica que só a Luftwaffe à sua conta tenha feito reparar ou reformar em Alverca, no ano findo, várias centenas de aparelhos.

Os fascistas, bem entendido, rejubilam com semelhante situação. Gostam de proclamar que Portugal dispõe hoje de um poderoso Exército e de uma Aviação apenas superada pelas das chamadas grandes potências. Outro, claro, é o sentimento do povo português. A permanência em África de mais de 100.000 soldados e oficiais é considerada um desastre nacional. O povo sente vergonha de ver os seus filhos transformados em instrumentos de uma política criminosa; o povo não esconde a sua humilhação pela presença dos militares alemães em Beja e pela utilização de operários portugueses nos planos militaristas de potências estrangeiras; o povo não encara sem revolta a formação de uma frota aérea de 700 aviões cujo objectivo principal é levar a morte, a miséria e o terror às populações de Angola, da Guiné-Bissau e de Moçambique. O povo de Portugal não se deixa iludir, pensa e sente de maneira completamente diferente dos porta-vozes do fascismo junto da imprensa estrangeira. Num país que apresenta a maior taxa de analfabetismo da Europa e o menor rendimento PER CAPITA, o festival bélico causa hoje cada vez mais repulsa e revolta. Os 700 aviões de Salazar não constituem apenas uma ameaça permanente à Paz

mundial e ao direito à vida e à independência nacional de três nações com doze milhões de habitantes. Esses 700 aviões, tal como os 100.000 soldados, atirados para África, como os canhões e como os tanques do Exército, como os navios da nova Marinha de Guerra fascista, tal como a Base de Beja e a do Montijo, tal como a transformação de Alverca em oficina de reparações para a Luftwaffe, tudo isso são marcos de uma política de traição nacional, tudo isso se traduz por dezenas de milhões de contos roubados ao povo português.

Os operários, os camponeses, os estudantes, os intelectuais portugueses sabem disso, nunca o esquecer, quaisquer que sejam os disparates enviados para a imprensa estrangeira por escribas ao serviço do fascismo.

VIVA O BENFICA, MORRA SALAZAR!

Ninguém ignora que as vitórias alcançadas pela equipe de futebol do Benfica tornaram o nome do grande clube português mundialmente conhecido. Precisamente por isso o fascismo tem-se esforçado insistentemente por capitalizar o prestígio do Benfica em benefício próprio. Até o sr. Azeredo Perdigão procurou dar a sua ajuda. Aproveitando-se da circunstância de o novo estádio de Bagdad ter sido construído sob os auspícios da Fundação Gulbenkian e com a colaboração de técnicos portugueses, foi o Benfica convidado a exhibir-se ali na cerimónia inaugural daquele parque desportivo. Os desportistas do Iraque souberam entretanto estabelecer a diferença entre a popular equipe e o fascismo português, ovacionando a primeira e vaiando o segundo. Agora, a história repetiu-se, mas mais perto e em circunstâncias que chamaram a atenção da imprensa desportiva internacional.

Foi em Paris, no famoso estádio do Parc des Princes. O jogo foi promovido por uma Associação intimamente ligada ao Consulado Geral de Portugal e à "Banque Franco Portugaise d'Outremer". Se os consules de Salazar e o Banco Ultramarino esperavam a gratidão da colónia portuguesa ou do público francês enganaram-se redondamente. Mais de 30.000 espectadores encheram o estádio no dia 14 de Junho para presenciar o encontro do Benfica com o Angers. Havia 25.000 portugueses e 5.000 franceses. Mas tanto uns como outros souberam demonstrar que não confundiam a equipe dos "diabos vermelhos" com o governo de Salazar. Nos corredores do Metro de acesso ao Estádio e nas paredes das casas vizinhas enormes faixas exprimiam os sentimentos do público: VIVA O BENFICA, MORRA SALAZAR!

Durante o jogo, a assistência tributou as maiores ovações aos jogadores, homenageando neles não apenas o seu valor

desportivo, mas a sua condição de representantes do povo português. Simultaneamente acolhia com entusiasmo a nuvem de panfletos espalhada pelas arquibancadas por elementos democráticos empenhados em transformar o encontro promovido por entidades fascistas numa grande manifestação antifascista. E foi o que aconteceu. Os espectadores passavam de mão em mão as pequenas tarjetas onde se liam, entre outras, as seguintes palavras de ordem, em português e francês: "Independência para as colónias portuguesas!", "Abaixo o regime fascista de Salazar", "Liberdade para os prisioneiros políticos", "Emigramos porque há miséria"; "O Governo só serve para apoiar os ricos, explorar os pobres e matar os jovens numa guerra criminosa", e ainda a já citada "Viva o Benfica, Morra Salazar!"

No final do jogo, irónicamente, muita gente lembrava que se as autoridades fascistas portuguesas organizassem muitas jornadas como aquela ficaria extraordinariamente facilitado o trabalho de esclarecimento a realizar junto da colónia pelas forças democráticas portuguesas.

A GRANDE LIÇÃO DA GUINÉ

WILFRIED, um dos mais lúcidos jornalistas dos Estados Unidos, escreveu num livro consagrado à guerra do Vietnã que os dirigentes daquela pequena e heroica república diziam, com uma ironia amarga, que os vietnamitas tinham de certo modo um motivo para agradecer aos norte-americanos os bárbaros bombardeamentos que a humanidade inteira vem condenando. Isso porque a guerra monstruosa galvanizara as energias do povo, levando-o a realizar nas condições mais difíceis tarefas sobrehumanas que dificilmente poderiam ser levadas a cabo em tão pouco tempo, se a nação vivesse em paz.

Amílcar Cabral, o grande dirigente do Partido Africano da Independência da Guiné e Cabo Verde poderia, se o quisesse, repetir a afirmação. A pequenina Guiné-Bissau é hoje na África o que o Vietnã é na Ásia. Como muito bem assinala a redacção de "Les Temps Modernes" na apresentação de um trabalho de Gerard Chaliand de que publicamos um extracto noutra página, "a Guiné trava há quatro anos a guerra de libertação nacional mais consequente do continente africano". Não se trata de um conflito a mais, de um acidente marginal no mundo hodierno. A luta do PAIGC simboliza e encarna conflitos fundamentais das sociedades do nosso tempo. Pelo fato de Salazar ser ele próprio um fítere, nem por isso o combate dos guineenses pela liberdade deixa de ser uma batalha contra o imperialismo, uma batalha onde diariamente um pequeno e heroico povo se bate contra um sistema mundial de opressão e de exploração e contra os métodos bárbaros daquilo a que Maurice Duverger chama o "fascismo exterior".

Na Guiné como no Vietnã, é extremamente duvidoso que, sem a realidade cruel da guerra, o povo encontrasse es-

timulo e coragem para fazer tanto com meios tão escassos. A propaganda fascista não consegue já esconder do mundo o significado das transformações profundas que se vêm operando nas zonas libertadas da Guiné. Os patriotas do PAIGC não alcançaram sómente uma série de brilhantes vitórias militares, inflingindo com meios escassos outras tantas humilhantes derrotas a um aparelho militar dotado de forças aéreas, terrestres e navais relativamente poderosas. Alcançaram algo que para eles e para a África inteira significa muito mais: lançaram em plena guerra os alicerces sólidos de uma nação democrática e progressista. Todos os escritores, jornalistas e cineastas que visitam os territórios libertados são unânimes em nos revelar a existência de uma realidade nova, de uma experiência revolucionária que para a África representa algo de inteiramente original e por isso mesmo de muito valioso. Sob as bombas, dia a dia, perfilam-se os contornos de uma Revolução em marcha. Em quatro anos de luta, dispendo apenas de metade do território nacional, o PAIGC formou mais universitários e mais técnicos do que o colonialismo em séculos de ocupação. Dezenas de milhares de pessoas foram alfabetizadas num país onde antes se contavam por centenas os que sabiam ler; hospitais e postos de assistência erguem-se nos recessos da floresta; sobra arroz em regiões onde há cinco anos definhavam tribos famélicas; as rivalidades tribais e religiosas cederam o lugar a uma unidade de ação que reflete uma imagem nova de um povo orgulhoso das suas prodigiosas façanhas.

É uma experiência sem paralelo em África a que a Guiné está vivendo. Nela as novas relações sociais e de produção introduzidas pela guerra de libertação nacional apresentam-se como indestrutíveis.

Graças a Salazar e ao colonialismo português, poderiam dizer com amargura os guineenses, parafusando seus companheiros do Vietnã...

TURISMO E MONOPÓLIOS

O turismo rendeu em Portugal no ano de 1966 a bela soma de sete milhes e meio de contos, isto é mais de 250 milhões de dólares. O Relatório da Conta Geral do Estado que nos fornece a informação rejubilava com o fato, embora reconheça que sem essa receita a situação financeira do País seria grave, pois o crescimento económico apresenta uma taxa insignificante, desmentindo os prognósticos otimistas feitos pelo governo.

Tapar os buracos com as rendas do turismo e com os dinheiros enviados pelos emigrantes é a solução de desespero a que vem recorrendo o fascismo para manter equilibrada a balança de pagamentos, compensando o desequilíbrio colossal da balança comercial, expresso no ano passado por mais de 11 milhões de contos. As habilidades dos financistas da ditadura não bastam já, porém, para esconder uma situação de catástrofe nacional. Só a guerra colonial vai custar em 67 mais de oito milhões de contos e tudo indica que o deficit do comércio com o exterior será ainda maior.

A propaganda fascista conta, é certo, com o "milagre turístico". Mas esquece um fato fundamental: os rendimentos do turismo tendem a diminuir nos próximos anos em vez de aumentar. Embora se preveja um maior número de visitantes, vão agora começar a sentir-se as consequências da nova política hoteleira que se traduziu pela construção de dezenas de hotéis por poderosos grupos estrangeiros que exploram o ramo. O resultado é que doravante dezenas de milhões de dólares em divisas serão gastos anualmente em Portugal pelos turistas para saírem depois sob a forma de remessa de lucros dos trusts hoteleiros.

Como toda a política económica e financeira do fascismo é imediatista, visando a resolver os problemas mais prementes do momento, em prejuízo dos interesses reais da Nação, negócios como o da indústria hoteleira tornaram-se coisa corrente, criando perspectivas sombrias para o futuro. Acaba, por exemplo, a imprensa salazarista de embandeirar em arco a decisão do governo de autorizar bancos nacionais a concederem o seu aval a um empréstimo de 420.000 contos ao Alumínio Português, destinado à construção em Angola de instalações para a eletrometalurgia daquele metal. Acontece que o Alumínio Português não é realmente português. Os capitais pertencem a um consórcio dominado por um grande monopólio internacional e as jazidas de bauxita são do povo angolano, o qual, uma vez independente, não se sentirá de nenhum modo obrigado pelo que Salazar decidiu à sua revelia sobre as suas riquezas. Que significa pois a operação financeira a que nos referimos? Apenas que os bancos portugueses, utilizando o dinheiro do povo, vão dar cobertura a um empréstimo destinado a financiar as atividades espoliativas de um monopólio estrangeiro em território angolano.

O REVERSO DA MEDALHA

Esse mesmo governo que faz leilão das riquezas nacionais e das que pertencem aos povos das colónias gosta, entretanto, de se apresentar como nacionalista. Numa vã tentativa de mistificar o povo, Salazar, que vendeu e continua a vender aos monopólios estrangeiros minas, serviços públicos, setores inteiros da indústria nacional, depende arrogantemente centenas de milhares de contos na compra de ações de ramais ferroviários moçambicanos que se achavam na posse da pequena República do Malawi. É o que acaba de acontecer com a aquisição, por três milhões e meio de libras esterlinas, dos caminhos de ferro da Transzambézia e da África Central. Era esse um problema que o povo de Moçambique, na altura própria, uma vez conquistada a independência, resolveria amigavelmente e sem dificuldade com os seus vizinhos. O fascismo português, que vem vendendo a granel as riquezas moçambicanas, incentivando a instalação de Norte a Sul do País dos maiores monopólios e oligopólios da Europa e da América, leva a sua hipocrisia ao ponto de se declarar preocupado com a posse pelo Malawi de

A CONJUNTURA PORTUGUESA-II

A PARTICIPAÇÃO EM ZONAS DE COMÉRCIO LIVRE

Durante muitos anos, os fascistas cantaram em todos os tons as vantagens da entrada de Portugal nas chamadas zonas de "comércio livre". Desmascarou-se sempre uma tal política. Mostrou-se que os acordos de "comércio livre", "EFTA", ou "Mercado Comum", são instrumentos de expansão e dominação imperialista, instrumento dos monopólios das grandes potências e de submissão e absorção económica dos países participantes menos desenvolvidos.

Para Portugal, que tem significado a participação na zona de comércio livre pilotada pela Inglaterra?

Tem significado a intensificação da exploração da classe operária seja pela congelação de salários, seja pelos métodos de "racionalização" e "aumento de produtividade", — com o pretexto de que, os aumentos de salários e o actual rendimento do trabalho tornam demasiado elevados os custos de produção e impedem por isso a concorrência com os produtores estrangeiros.

Tem significado o apressamento de todo o processo de centralização, da absorção ou liquidação da pequena indústria e da pequena produção, — com o pretexto de que só o grande capital está em condições de concorrer com os monopólios estrangeiros.

Tem significado a invasão do mercado interno por produtos estrangeiros, que criam dificuldades à produção nacional, — com o pretexto de que, em compensação, os produtos portugueses terão novas facilidades no mercado de outros países participantes.

Tem significado o agravamento da crise na agricultura e tem justificado planos de "reconversão agrária" no sentido da diminuição da produção dos artigos de consumo interno e do aumento da produção de produtos agrícolas industriais, — com o pretexto de que o solo e o clima português são péssimos para a cultura de cereais e óptimos para a floresta.

Tem significado o agravamento da dependência de Portugal em relação ao imperialismo estrangeiro, a invasão de capitais estrangeiros, a associação cada vez mais íntima dos grupos monopolistas portugueses com os grandes monopólios internacionais, — com o pretexto de que são necessários recursos financeiros, uma "dimensão mínima" das empresas, e um nível técnico que só com a "cooperação" externa se podem alcançar.

Estabelecer planos de desenvolvimento industrial e agrícola na base dos acordos de comércio livre; submeter uma política económica, uma política industrial e uma política agrícola, aos interesses dos monopólios portugueses associados ao imperialismo estrangeiro; seguir uma política de restrição do mercado interno a fim de permitir aos monopólios portugueses e estrangeiros produzir a preços de concorrência, e obter lucros fabulosos assentes na exploração desenfreada da classe operária; — é criar uma estrutura económica com pés de barro, sujeita à oscilação dos interesses dos grandes monopólios estrangeiros e dos respectivos governos.

Os fascistas mentem ao afirmar que Portugal está recuperando o atraso em relação aos países altamente industrializados, e procuram fazer crer que em breve estará em condições de competir com eles nos mercados internacionais. O facto é que nem sequer se pode dizer que a economia portuguesa se esteja desenvolvendo num ritmo progressivo. Ao contrário. Desmentindo a propaganda fascista, a taxa de crescimento do produto nacional, que em 1960 foi de 8,8% passou para 6,4% em 1961, 5,5% em 1962 e 3,7% em 1963. A distância que nos separa dos países mais evoluídos torna-se cada vez maior, ou seja, Portugal está cada vez mais relativamente atrasado.

Segundo dados oficiais, extremamente optimistas, a captação anual do rendimento está ainda longe de atingir os 300 dólares. Nos outros países da EFTA, em dois as captações ultrapassam 1.500 dólares, em três estão compreendidas entre 1.000 e 1.500 dólares e em dois entre 750 e 1.000 dólares. As diferenças de captações dos rendimentos mostram a enorme distância que separa a economia portuguesa da economia dos outros participantes na EFTA. Na EFTA, Portugal faz a figura de parente pobre em casa de família rica. No quadro da EFTA, Portugal é e será o país atrasado e subdesenvolvido, cujo papel em relação aos restantes será auxiliar e subalterno, como fornecedor de matérias primas e de mão de obra a baixo preço.

Enquadrar e submeter o desenvolvimento de Portugal aos acordos de "comércio livre" é condenar Portugal a ser um mero peão no jogo de exploração e ganância dos monopólios dos países mais industrializados, associados aos grupos monopolistas portugueses.

Os acordos de "comércio livre" não constituem uma forma de cooperação de economias nacionais, mas formas de associação e de luta de grupos monopolistas, formas de dominação dos países mais pequenos e atrasados pelas grandes potências imperialistas. Face aos acordos, não há nem igualdade, nem respeito pelos interesses mútuos.

Portugal, pelo seu lado, sempre com a faca ao peito, terá que cumprir os termos dos acordos. Mas a Inglaterra, por exemplo, poderá violar, violar e violará os acordos, quando isso convenha aos interesses do capital financeiro inglês.

Como se sabe, o aspecto imediato essencial dos acordos de "comércio livre", como a EFTA, é a baixa das barreiras alfandegárias. Assim, em 1 de janeiro de 1965, os direitos alfandegários em vigor para os produtos industriais dos países da EFTA, no intercâmbio entre esses países, desciam a 30% do nível de 1960. Havendo desigualdades na descida dos direitos, seria legítimo que a descida fosse mais lenta nos países industrialmente menos desenvolvidos e portanto menos aptos a suportar a concorrência externa. Admitindo a imposição de novas taxas de importação, seria legítimo que o pudessem também fazer esses países.

Mas na verdade isso não se passa assim. Quando da assis-

natura dos acordos, os salazaristas gritaram que se poderia agora desenvolver a indústria para a exportação, gritaram que, com as baixas aduaneiras na Inglaterra, poderiam desenvolver-se em Portugal novas indústrias para venderem os seus produtos à Inglaterra. Pelo seu lado, os ingleses, naturalmente, não deixaram de salientar tais vantagens para Portugal.

Em Junho/Julho de 1964, por exemplo, esteve em Portugal uma missão industrial britânica. Apesar de que a missão era composta sobretudo por directores de firmas exportadoras inglesas, o seu chefe L.H. Short, para iludir os portugueses, entendeu dever salientar que "o objectivo da missão" era levar Portugal a "aumentar as exportações para a Inglaterra, aproveitando as vantagens da situação da balança comercial inglesa" ("Indústria Portuguesa", Agosto 1964).

Que se verificou porém? Poucos meses depois foi a Inglaterra a primeira a violar ostensivamente os acordos, decidindo unilateralmente estabelecer, em 26 de Outubro de 1964, uma sobretaxa de 15% sobre os direitos de importação. Segundo confessou o ministro salazarista Correia de Oliveira na reunião de Genebra, a sobretaxa britânica atingiu 60% das exportações portuguesas para a Inglaterra e cerca de 10% do total das exportações de Portugal ("D. Manhã", 20-11-64). Os salazaristas curvaram-se à voz de um dos seus donos. Primeiro, para cobrir as aparências, declararam que a Inglaterra "pôs em causa a confiança na associação" (Correia de Oliveira, "O Século", 22-11-1964). Depois concordaram em que os ingleses mostraram o seu interesse em reconstruir a confiança abalada... sem entretanto revogarem o agravamento da pauta. E deram-se por completamente satisfeitos, quando, seis meses depois, a taxa foi reduzida a 5%.

Mais fome e miséria para o proletariado industrial e rural, apressamento do processo de centralização e concentração de capitais, mais dificuldades e a sombra da ruína para as classes médias na indústria e na agricultura, agravamento da dominação imperialista sobre Portugal, — tais os resultados da política de subserviência a interesses estrangeiros, tais os resultados da participação na EFTA.

Crónica Internacional

Uma República de Colonos

Luiz Bernardino

Os últimos e trágicos acontecimentos do conflito arabo-israelita suscitaram na Europa Ocidental reacções curiosas e significativas. A causa israelita foi defendida com precipitação por uma grande parte da Esquerda, que fez coro com as vozes mais genuinamente fascistas e antisemitas. Os mesmos que proclamavam a extinção dos judeus e hoje se rejubilam com a chacina dos Vietnamitas.

Isto significa que existem factores dominantes na cultura ocidental que igualmente impregnam muito da personalidade da gente de Esquerda como da de Direita. Aqui, a distinção entre a Esquerda e a Direita faz-se por factores locais. Onde a distinção é mais difícil, é em relação a todos os problemas que respeitam a posição da Europa no Mundo, às relações entre a civilização Ocidental e os povos sub-desenvolvidos.

Ora, a simpatia que a causa de Israel encontra no Ocidente vem sobretudo do facto que Israel é, depois da África do Sul, o exemplo duma República de colonos que aparentemente triunfou das veleidades de libertação dos povos indígenas e que se implantou solidamente no terreno.

Se nos lembrarmos que há 50 anos a população de origem judia na Palestina não excedia 2% da população total, podemos dizer que os 2 milhões de israelitas de hoje, os emigrantes e filhos de emigrantes de vários países da Europa e da América, são colonos e filhos de colonos com os mesmos direitos históricos sobre a Palestina que os que tinham os "pied-noirs" na Argélia em 1962 ou os boers na África do Sul de hoje, ou os portugueses de Angola, Guiné e Moçambique. Os arabs da Palestina são bem o povo indígena, o povo colonizado, que viu chegar às suas terras os agentes duma civilização económica e tecnicamente melhor apetrechada, e que se viu esbulhado das suas terras, que emigrou, que vive nos bairros de lata, que é tratado com desprezo e racismo. São os "negros", como dizem desdenhosamente os cidadãos israelitas quando apontam para os bidonville árabes da Palestina.

Quando todas as tentativas para o estabelecimento destas Repúblicas de colonos fracassaram, quando os sonhos de Bidault, Lagailard e Massu se desfizeram na Argélia, quando em quase toda a África Negra as populações locais assumem as suas responsabilidades cívicas e o destino dos seus países, quando nas colónias portuguesas, Salazar sustenta uma luta perdida, que compensação não poderão encontrar os adeptos do Ocidente os fascistas da Action

Française, os racistas de todos os matizes, com esta vitória israelita! Por isso eles desajivelam apressadamente a velha máscara anti-semita e saudam os exítos dos europeus, dos homens do Ocidente que são afinal os israelitas.

Uma parte da Esquerda europeia terá participado destes sentimentos. Muitos agiram por outras razões. Uma cultura superficial tornou-os extremamente sensíveis ao lado sentimental e espetacular das coisas. A sua vivência individual, a rememoração dos massacres nazis, as relações de família todo o pequeno Universo do provinciano da Europa que a propaganda sionista, servida habilmente por bons escritores ajudou a compôr, tornou-se hermetico às injustias flagrantes de que se rodeia a penetração colonial sionista na Palestina.

Cobertos pela bela propaganda bíblico-colonial, com as variações pseudo-humanitárias requeridas pelos bem-pensantes, os sionistas lançaram-se à conquista da Palestina. Nos anos de 40 cobriram-se de simpatia perante a Esquerda europeia pelo seu terrorismo anti-britânico. Ainda aqui uma nova confusão: a ideologia dos comunistas sionistas era mais proxima da da Action Française e da da O. A. S. que da de Ho-Chim-Min ou de Fidel Castro. Os Ingleses pretendiam a constituição duma nação palestino-jordana e os sionistas queriam a nação de colonos, pura de contaminações raciais.

Em 1956, a jovem Republica de colonos, apenas com 8 anos de existência mostrava já os seus desígnios "pacíficos": em plena crise egipcio-anglo-francesa, agride a Jordânia sob o pretexto de não tolerar nas suas fronteiras uma força tripartida egipcio-sirio-jordana, invade o Egipto e apodera-se da península do Sinai. O ar intratável do estado recém-nascido faria a inveja de Hitler. Mas todo este gigantismo bélico dum pequeno estado insuflado pela alta finança internacional, não chocou os bem e mal pensantes que na Europa apadrinham Israel.

Quanto às pessoas piedosas, às sensíveis aos grandes temas e desgraças bíblicas, essas também terão ficado reconfortadas com as declarações recentes do Lo Ministro israelita Levy Eskhol, depois de ocupação da parte jordana de Jerusalém: "... ocupamos finalmente o nosso mais querido santuario e dele não mais sairemos... Palavras estas bem significativas de quem usa a palavra de Deus para ser César: são as palavras do "crente" para quem Jesusalém esteve sempre aber-

(Continua na pág. 7)



agência TRIÂNGULO de seguros s. a.

SEGUROS DE VIDA EM GRUPO E COLETIVOS DE ACIDENTES PESSOAIS

RUA BRAULIO GOMES 107 - 4.º andar - conjunto 42

Telefones: — 32-4882 e 37-2774

SEGUROS DE INCÊNDIO SEGUROS EM GERAL

Endereço Telegráfico: — "CAMBRONNE"

SÃO PAULO

SALAZAR NA IMPRENSA MUNDIAL

As guerrilhas da Guiné Portuguesa

A Guiné "Portuguesa", situada entre o Senegal e a República da Guiné vem realizando há quatro anos a guerra de libertação nacional mais consequente do continente africano. Sob a direcção de Amílcar Cabral, o Partido Africano para a Independência da Guiné e de Cabo Verde (PAIGC) controla metade do território nacional.

De manhã, muito cedo, Amílcar Cabral, Chico, Oswaldo e um certo número de quadros dirigiram-se a uma aldeia mandinga que se acha a três horas daqui. Dirigimo-nos ao encontro deles. Durante vários quilómetros seguimos pela estrada Bissora-Olosato que foi cortada em numerosos pontos pelos guerrilheiros logo em 1963. Árvores enormes estavam caídas, atravessadas. Era a época em que os guerrilheiros só dispunham de revólveres; multiplicavam as emboscadas para obterem armas portuguesas. Desde então os portugueses não conseguiram retomar o controle da estrada. A uma dezena de quilómetros de Mores atravessamos uma vasta clareira esburacada pelas bombas, crivada de rajadas de metralhadoras: a antiga base central do Norte, referenciada por fim pela aviação portuguesa, mas evacuada antes de haver sido destruída. Mais alguns quilómetros e passamos por sentinelas das FARP (Forças Armadas Revolucionárias do Povo). Dobrada uma curva, desembocamos numa clareira onde se acha reunida uma multidão de camponeses. A vista de um branco, as mulheres esboçam um movimento de pânico que os guerrilheiros canalizam rapidamente. No centro, cercado por Chico, Oswaldo e Titina está Amílcar Cabral. Pede silêncio e mostrando a espingarda diz: "Hoje somos nós quem tem armas, ninguém deve ter medo. Nem todos os brancos são inimigos. Os brancos que estão com a gente são nossos amigos. Agora são os portugueses que têm medo da gente porque temos armas. Estas armas estão ao serviço do povo."

A reunião começou há algumas horas. Trata-se de uma aldeia — de fato um grupo de três aldeias mandingas, onde "houve problemas". Acham-se ali duzentos a trezentos aldeões, os homens de um lado e as mulheres e as crianças de outro. As mulheres estão sentadas e vestem roupas de algodão; os homens, de pé, envergam bubus ou um pano e uma camisa no género dos que se vendem na Gâmbia. Faz muito calor e o suor escorre pelos rostos.

Amílcar retoma a palavra.

"Como eu estava dizendo, temos de abrir ainda mais escolas, mas as escolas não servem para nada se não mudam nada. Por que motivo irá uma menina à escola se, depois, tiver de casar-se à força? E' como lhes digo, o Partido não quer mais transacções e comércio com raparigas. Brevemente vamos retirar as crianças da base e entregá-las às suas aldeias. Mas é preciso que não sejam casadas contra vontade. Algumas, vocês sabem disso, vieram para a base para não serem casadas à força. A mulher deve casar-se com o homem que escolheu

e não com aquele que os pais escolheram para ela.

"As mulheres aqui fazem o que podem na produção e devem ser respeitadas por isso mesmo. Em contrapartida muitos homens limitam-se a negociar. Alguns preferem traficar na Gâmbia, no Casamansa; compram e vendem, vendem e compram e, finalmente, compram mulheres para as fazer trabalhar. Isso, é inadmissível. A terra é boa, a chuva não falta. E' preciso trabalhar. Todos os homens devem trabalhar porque a construção do país não vem do céu. Cada um deve trabalhar. A guerra não serve de desculpa. Os balantas, os manjacos também trabalham. Os nossos inimigos são aqueles que não trabalham. Aqui, presentemente, não se produz o suficiente. Os balantas produzem mais, e assim dão uma ajuda maior à nossa luta. E' preciso fazer aqui como no sul do País onde se produziu tanto arroz que não se pode comer todo. Pode-se elogiar aquele que trabalha, mas o trabalho fornecido ontem não dá direito a privilégios hoje. E' necessário trabalhar todos os dias. Quando eu voltar aqui é preciso que vocês tenham arroz. Entre vocês só as mulheres trabalham. E' preciso que isso acabe. Elas ajudarão, mas só isso. Só o homem que trabalhou para ter alguma coisa pode queixar-se se ela lhe falar. O Partido traz as armas, as enfermeiras, os médicos, os professores, mas conta com o vosso trabalho. Agora temos regiões libertadas, não temos mais que pedir aos portugueses autorização para trabalhar e não temos mais que lhes pagar impostos ou fornecer trabalho forçado.

"Certas pessoas vêm ver-me e, voltando, dizem que me viram e sentem-se muito orgulhosas. Mas eu não sou superior a qualquer um. A única superioridade aqui é a do trabalho. Mas há muita gente que gosta da chefia e dos hábitos da chefia. Numa aldeia, quando dois ou três responsáveis são eleitos, os outros aborrecem-se porque todos querem ser chefes. Mas o Partido não é uma chefia, existe para servir o povo e o responsável não é superior; se fizer mal a sua tarefa é substituído. Que é que é o Partido, afinal de contas? E' o povo. Se um responsável agir mal é preciso dizê-lo e substituí-lo. Para nós, a opinião do povo é muito importante porque o Partido bate-se pelo povo.

"Se alguém, em meu nome ou em nome do Partido, levantar a mão para vocês e bater dizendo que é o Partido quem manda, não acreditem. Previnam o Chico que é comissário político e substituam o que assim proceder. E' preciso também perder a mania que faz toda a gente querer ser chefe. Aquele que é responsável orienta e é tudo. Não impõe coisa nenhuma. Em cada aldeia é preciso também ter milícias populares. Não se deve ter medo das armas; as armas são as nossas milícias quem as utiliza contra os portugueses. E se alguns trabalharem com os portugueses vocês devem impedir que eles se tornem prejudiciais. Aqueles que são a favor dos portugueses é melhor que vão

ter com eles. Aqueles que estão com a gente, esses terão amanhã o País e não devem ter medo de ninguém.

"O que eu tenho a pedir é que trabalhem com o Partido, que produzam, que alimentem os que combatem, que tomem iniciativas porque todos devem participar da luta. Daqui para diante, nas bases só haverá combatentes: as escolas e os estudantes serão instalados nas aldeias. Quanto aos combatentes, os que devem fazer é atacar os Portugueses todos os dias. Os combatentes sobretudo não devem nunca abusar do povo. Precisamos mantermo-nos unidos. Os combatentes que voltam as suas armas contra o povo são piores do que os portugueses. Estou chegando da região de Boé onde alcançamos vitórias. Em São Domingos também obtivemos vitórias. Coisa alguma pode impedir-nos de vencer. E' preciso que o povo nos ajude o mais possível, nos informe, para que acabemos o mais depressa possível.

"Antes, dissemos: vamos começar a luta e alguns não acreditaram em nós porque não tínhamos armas. Agora, já libertamos toda a região do Oio e metade do País. Faz muito tempo que dissemos ao governo português que iam pegar em armas e isso despertava o riso dos portugueses. Agora, os portugueses já não têm vontade de rir. Eis a diferença entre ontem e hoje. Vamos vencer, mas se vocês participarem mais da produção ganharemos mais depressa. E' necessário trabalhar, trabalhar sempre e não colaborar com os portugueses, não lhes vendendo nada, de maneira nenhuma. Aqueles que estão com os portugueses serão finalmente abandonados pelos portugueses. Há portugueses que sabem já que aqui, na Guiné, tudo está perdido para eles; se ficam é unicamente por causa de Angola e de Moçambique. Se toda a gente se portar com coragem venceremos rapidamente. E depois? Que é que virá depois? Não queremos que depois apareçam pessoas que roubem o trabalho. Porque não são apenas os brancos que roubam o trabalho, há também negros e nós não queremos isso. Toda a gente trabalhará e gozará o produto do seu trabalho. Preciso que me digam se estão dispostos a trabalhar".

Numerosas mãos se levantam a assinalar concordância. Cabral faz com que procedam à eleição de três homens e uma mulher para discutir com eles os problemas concretos da zona (...).

(Gerard Chaland, in "Les Temps Modernes", Paris, Abril de 1967).

O PAPA EM FÁTIMA

(...) A visita do Papa a Fátima traduz-se assim, quer queiram quer não, numa vitória do salazarismo no plano interno. E no plano internacional a reacção deverá ainda dar graças a Salazar. O homem e o regime que representaram, segundo as palavras de Franco, a condição *sine qua non* para a derrota militar da República Espanhola, que emprestaram a Hitler todo o apoio possível até fins de 1943, que tomaram como modelo o fascismo italiano para as corporações e a organização política, que ofereceram hospitalidade a todos os monarcas reacionários atirados para o exílio, que dão ainda hoje hospitalidade ao ditador cubano



PAZ!

**FIM À GUERRA COLONIAL!
REGRESSO DOS NOSSOS
SOLDADOS!**

Baptista, que mantém em África cerca de 100.000 homens em defesa dos monopólios mais odiosos, que fornecem armas e dinheiro aos mercenários de Tshombé, que prendem e matam os membros da Oposição, que acolhem em Lisboa os signatários do Tratado da Nato, que constituem a mais velha e potente ditadura da história contemporânea, recebem Sua Santidade no seu país. E em Fátima comparecem a saudá-lo os últimos camisas verdes da Europa; a Mocidade Portuguesa, a juventude fascista dos nossos dias. A saudá-lo também os fantasmas de Delgado e os dos incontáveis opositores, brancos e negros, mortos, encarcerados, torturados (...)

(Victor Alves, in "Astrolábio", Roma, Maio de 67)

DECLARAÇÕES DE EDUARDO MONDLANE

LONDRES, 14 ("O Estado") - De acordo com as declarações de seu líder, Eduardo Mondlane, o FRELIMO (Frente de Libertação de Moçambique), que conta com a participação de 8.500 guerrilheiros africanos, controla atualmente com firmeza as duas províncias nortistas de Niassa e Cabo Delgado, que totalizam 1 milhão dos 7 milhões de habitantes do território.

Mondlane, que se deteve em Londres por alguns dias, em sua viagem de regresso à África, procedente dos Estados Unidos, afirma que suas tropas, recrutadas dentre os cidadãos de Moçambique e treinadas em Tanzânia, estão conseguindo encurralar 40.000 dos 65.000 soldados portugueses do território. Afirma também que suas forças estão aumentando na proporção de 150 recrutas mensais totalmente equipados.

Operando como os "vietcongs" em uma guerra que Mondlane considera "semelhante à guerra do Vietnã sob muitos aspectos", essas tropas estão capacitadas,

segundo declara ele, não só a obter toda a alimentação necessária à população das duas províncias que controlam, como ainda a exportar produtos em quantidade suficiente para lhe possibilitar a compra de armas e outros equipamentos. Com essas províncias sob controle, Mondlane acredita que agora possui uma base de onde poderá estender suas operações de guerrilhas a outras partes de Moçambique.

A esse propósito, declarou: "A subversão violenta virou a maré militar a nosso favor. Perdemos cerca de 100 soldados por mês e as baixas civis são muito mais elevadas, mas temos um milhão de africanos de nosso lado e estamos consolidando nossas conquistas no norte governando-os como eles desejam ser governados".

Interrogado sobre a procedência das armas dos guerrilheiros, Mondlane, líder de 47 anos de idade, respondeu que pode contar com um bom suprimento de muitos países, inclusive da Grã-Bretanha. Trata-se, provavelmente, de transações comerciais de tipo um tanto desonesto.

Embora ele alegasse que "certas companhias britânicas" se encontram entre seus fornecedores, queixou-se de que a oferta do governo britânico de um empréstimo de 133 milhões de libras a Portugal, para financiar o projeto da Baía do Zambesi, está fortalecendo a resistência portuguesa à "luta pela liberdade" empreendida pelo FRELIMO.

Mondlane descreve essa luta como a menos conhecida e divulgada guerra de independência da história dos últimos anos e afirma que um maior número de jornalistas ocidentais deveria verificar pessoalmente os fatos de Moçambique.

Não há meios de se verificar, em Londres, a exatidão de tudo quanto Mondlane alega ter conseguido, mas as notícias militares portuguesas sobre a situação nas províncias falam de uma acentuação das dificuldades.

(Continua na pág. 7)

Pela amnistia e contra a repressão

Liberdade para Aboim Inglês!

Alcançou extraordinária repercussão junto da opinião pública mundial a campanha desencadeada pelas forças democráticas portuguesas a favor da imediata libertação de CARLOS ABOIM INGLÊS. Dezenas de jornais de todas as tendências, tanto na Europa como na América, têm noticiado os repetidos apêlos e abaixo-assinados dirigidos ao "Presidente" Américo Tomás e aos ministros do Interior e da Justiça relativos ao caso daquele corajoso patriota, sendo de destacar que dessa comovedora campanha de solidariedade internacional vêm participando organizações estudantis e sindicais, bem como escritores, juristas, professores universitários, parlamentares, médicos, etc.

A pena de Aboim Inglês deveria terminar em Fevereiro de 68, mas, de acordo com o Decreto Lei de 13 de Maio p.p. ficou cumprida no dia 13 de Junho passado. Recusou-se entretanto a PIDE a conformar-se com o espírito do Decreto Lei em referência e, apesar de ser alarmante o estado de saúde do conhecido democrata, negou-se a libertá-lo, argumentando que estava sob a alçada de medidas de segurança. Medidas de segurança para um homem praticamente inválido e cuja sobrevivência se encontra ameaçada...

RETRATO CLÍNICO DE UM DOENTE

Para que os leitores possam avaliar devidamente a monstruosidade das autoridades fascistas ao recusarem a Aboim Inglês a liberdade a que ele tem legalmente direito, apresentamos a seguir um relatório sobre o seu estado de saúde elaborado por um médico que tem acompanhado o seu caso.

"Nascido em 1930, sofreu logo aos 15 anos uma doença do tórax que atingiu o lado, diagnosticada então como pleuresia com derrame pelo médico assistente, dr. João Pedro de Faria (actualmente coronel médico, director do Hospital do Ultramar em Lisboa). A afecção foi de intensa gravidade e exigiu acamamento durante 6 meses. Ficou com abundantes aderências pleurais e diminuição quase total da capacidade respiratória do pulmão esquerdo, sendo acompanhado clinicamente durante vários anos pelo Dr. Anselmo Ferraz de Carvalho (fisiologista, antigo assistente do Dr. Tapia do Sanatório do Camulo). O seu esqueleto, ainda em crescimento, foi profundamente afectado pela acentuada deformação do hemitórax esquerdo, deformação que se foi acentuando com o tempo.

Desde meados de 1964 que o doente se queixa de parestesias do 2.º, 3.º e 4.º dedos da mão esquerda, parestesias que posteriormente lhe afectaram todos os dedos e a palma da mão esquerda e vieram a acompanhar-se de dores ao nível da omoplata e ao longo do braço esquerdo. Apresenta assim um quadro de cervicobraquiálgia esquerda, o qual se agrava com atitudes prolongadas em posição ortogonal ou sentado com flexão da coluna cervical. Em meados de 1966 esta sintomato-

logia agravou-se e o doente, além de ter abandonado todos os exercícios físicos, já se não pode deitar de lado no leito nem conservar-se sentado a uma mesa muito tempo, só encontrando repouso quando na posição horizontal e com os braços ao longo do corpo.

A observação mostra pronunciada assimetria do tórax com retracção muito acentuada nos arcos costais do lado esquerdo, o que imprime à coluna uma escoliose de concavidade esquerda, persistindo a escoliose de concavidade direita na região cervico-dorsal, bem como lordose e cifose. Os movimentos da coluna estão limitados, sobretudo os que têm sede na parte inferior da coluna cervical, estando diminuídos os movimentos de rotação, os de extensão e os de flexão. Os movimentos extremos são dolorosos, tornando-se mesmo insustentáveis certas posições (não foi possível, por exemplo, fazer determinadas radiografias aos seios peri-nasais, devido às posições resultarem por demais dolorosas).

A auscultação, dificilmente se nota murmúrio vesicular do hemitórax esquerdo, e à radioscopia verifica-se profunda atrofia do pulmão esquerdo. Trata-se de uma acentuada taqui-pleurite esquerda. O coração acha-se descaído para o lado esquerdo, havendo um sopro sistólico (grau I) do foco pulmonar e verificando-se eventualmente taqui-aritmia.

Os exames radiográficos à coluna mostram estreitamento marcado dos espaços intercostais do lado esquerdo com escoliose cervico-dorsolombar e profundas alterações dos discos intervertebrais: C5, C6, C7 e D1. Devido à escoliose, os discos intervertebrais não se identificam e o contórno dos buracos de conjugação está profundamente alterado.

O doente apresenta edema dos tornozelos ao fim do dia, e nota já sensação de peso e diminuição da sensibilidade táctil da mão esquerda. O doente sofre igualmente de uma úlcera duodenal, perfeitamente identificada em radiografias realizadas em 1958, em 1964 e 1967. Do relatório do último exame radiológico consta que se pode observar acentuada hipertrofia das pregas mucosas do estômago, acompanhada de hipersecreção abundante; desvio do polo cranial do estômago, resultante do repuxamento do diafragma (fibrotórax); úlcera da face do bulbo duodenal.

O doente sofre ainda de uma sinusite crónica, com fortes cefaleias, tendo recentemente sido operado a um pronunciado desvio do septo nasal que lhe dificultava a respiração pela narina direita. Esta sinusite tem sido rebelde a vários tratamentos (ondas curtas, antibióticos, etc.).

No aspecto neurológico, o doente queixa-se de irritabilidade e esgotamento, devido a prolongada e constante tensão psíquica, com acentuada diminuição da capacidade de concentração. Tem dores na base do crâneo, por vezes com guinadas."

Tudo isto, é óbvio, nada representa para a PIDE.



Carlos Aboim Inglês, que tem hoje 37 anos, mede 1,78 e pesa 60 quilos vestido.

No dia 19 de Abril de 1967 o seu caso foi apreciado por uma junta médica composta pelo prof. Fernando da Fonseca e pelos drs. Joaquim Paiva Chaves e Mário Marques. O parecer desta junta foi enviado pelos serviços da prisão hospital de Caxias no dia 9 de Maio à Direcção Geral dos Serviços Prisionais e à direcção da PIDE.

Mas o resultado foi nulo. A Polícia reagiu como o fizera em Dezembro de 66 quando o doente enviou uma petição ao ministro da Justiça solicitando a sua colocação em regime de liberdade condicional, ao abrigo do art. 120 do Código Penal. O ministro consultou a PIDE e esta deu parecer negativo...

MANIFESTAM-SE PORTUGUESES DA FRANÇA

Em começos de Junho foi enviado ao Presidente Tomaz um apêlo assinado por milhares de democratas portugueses residentes em França, pedindo a imediata libertação de Aboim Inglês. O documento depois de lembrar que o corajoso patriota já passou mais de 9 anos nas prisões fascistas, apresenta um resumo do seu deplorável estado físico e conclui:

Carlos Aboim Inglês é já hoje uma ruína física e um dos heróis e mártires da luta antifascista.

A sua pena que deveria terminar em Fevereiro de 1968, cumprir-se-á no dia 13 de Junho de 1967 por ter sido abrangido pelo Decreto-Lei do 13 de Maio de 1967 (amnistia e perdão); a partir desta data passara ao regime de "medidas de segurança".

Conhecedores desta situação e convencidos de que só a sua libertação imediata e o regresso ao meio familiar lhe permitirão seguir o tratamento intenso e especializado que o seu gravíssimo estado de saúde requer e se evite a sua total invalidez, os democratas portugueses em França requerem a V.Ex. que tome as medidas necessárias para que Carlos Aboim Inglês saia em liberdade no dia 13 do corrente mês data em que termina a sua condenação.

Convém ainda em que a responsabilidade dessa situação e da que se poderá seguir se lhe forem aplicadas as inumanas "medidas de segurança" cabem inteiramente ao regime que há

41 anos oprime o povo português. LIBERTEM CARLOS ABOIM INGLÊS!"

Por outro lado, recebeu mais de 2.500 assinaturas; outro documento, enviado ao ministro do Interior e que abaixo reproduzimos:

"O democrata português Carlos Aboim Inglês, dirigente do MUDJ está gravemente doente e em perigo de vida. Prêso pela quinta vez em Junho de 59 e condenado a 8 anos de prisão, continua prêso no Hospital Prisão de Caxias. Em consequência das condições prisionais sofre presentemente de lesões na coluna vertebral e de complicações cardíacas e pulmonares graves e de úlcera duodenal. Tendo tomado conhecimento desta situação, nós abaixo assinados consideramos necessária e exigimos a sua libertação imediata para que a sua vida seja salva".

Pelo seu lado, o Secretariado dos Encontros dos Estudantes Portugueses no Estrangeiro (SEEPE) vem desenvolvendo intensa actividade, mobilizando a favor de Aboim Inglês organizações estudantis de todo o mundo.

PORTUGAL DEMOCRATICO associa-se à grande campanha humanitária e pede a todos os seus amigos e leitores, e de modo especial às organizações estudantis e de juventude do Brasil, que enviem telegramas, cartas ou abaixo-assinados ao Presidente Américo Tomás e aos ministros do Interior e da Justiça, exigindo a libertação imediata do grande doente da oposição democrática portuguesa. E' preciso, urgente, libertar CARLOS ABOIM INGLÊS!

A FARSA DA AMNISTIA

A recusa pela PIDE de libertar ABOIM INGLÊS ao abrigo do chamado decreto de Amnistia de 13 de Maio veio comprovar aquilo que já se sabia: Salazar quis assinalar a visita do Papa com um falso gesto de clemência de pura fachada. Nem um só prêso político foi libertado!

De acordo com o texto publicado, o tempo perdoado não é proporcional às penas, mas fixo em alguns meses. Mesmo o perdão de um terço da pena correcional nunca é evidentemente superior a oito meses. Quanto ao desconto total da prisão preventiva aos presos condenados a pena maior, o benefício — se exceptuarmos raros prêsos em cumprimento de pena e que aguardaram julgamento por período excepcionalmente longo, como Varela Gomes e Manuel Serra — é pequeno, regulando por seis meses. Mas tudo fica, claro, anulado, na medida em que persistem as medidas de segurança, nas quais o decreto não tocou. De qualquer modo, a PIDE parece ter esquecido que o cap. VARELA GOMES e MANUEL SERRA vão ser beneficiados, pois aguardaram julgamento durante 34 meses e não lhes foram aplicadas pelo tribunal medidas de segurança. VARELA GOMES deve sair em 2 de Janeiro de 68 e esboça-se já uma campanha mundial para obrigar o fascismo a cumprir aquilo que ele próprio estabeleceu. Manuel Serra só termina a pena em 2 de Janeiro de 1972.

PRESOS LIBERTADOS

Por haverem cumprido as suas penas (antes da "amnistia") saíram em liberdade os seguintes presos políticos: GOUVEIA, TOMÁS SHANTUMBO (patriota moçambicano), FAUSTINA CANDEIAS, ALVARO PENA, JOÃO PEREIRA DUARTE, DIMAS,

CRUZ, MANUEL PRETO, MANUEL CARTEIRO AGULHAS e RAMIRO PEREIRA.

SOLIDARIEDADE ALEMA

No átrio da Universidade Humboldt, em Berlim, realizou-se em fins de Maio uma exposição de fotografias sobre a luta do povo português. Cerca de 800 estudantes da referida Universidade assinaram um apêlo ao ministro da Justiça, pedindo a libertação de JOSE' BERNARDINO.

LUTAS...

(Continuação da pág. 1)

a haver cenas de violência, mas os esbirros da PIDE injuriaram os trabalhadores, ameaçando-os com a prisão. Tais ameaças, contudo, em vez de quebrantarem o moral do pessoal reforçaram a sua determinação de prosseguir na luta até à satisfação das reivindicações apresentadas.

BANCIARIOS — Vários bancos do Porto viram-se obrigados a conceder aumentos salariais em consequência de acções desenvolvidas nesse sentido pelos funcionários. Em certos estabelecimentos, as reivindicações dos bancários foram apresentadas por comissões formadas por representantes de todas as secções; noutros, através de exposições assinadas pela maioria dos empregados. Os aumentos obtidos, infelizmente, foram "parciais", deles se beneficiando apenas um pequeno número de funcionários. No Credit Franco-Portugais, apesar de todos os empregados, excepto um, haverem pedido aumento, só seis foram atendidos. No Banco Fernando de Magalhães, os dez funcionários aumentados pertenciam todos às categorias superiores. Apenas dois Bancos concederam um aumento geral de 10%: o Borges & Irmão e o Pinto de Magalhães.

GRUNDIG DE BRAGA — E' cada vez maior o descontentamento entre os trabalhadores portugueses da "Grundig" de Braga pois os seus salários são muito inferiores aos dos técnicos e operários alemães nas mesmas categorias profissionais. Além disso, os alemães recebem em marcos para obterem vantagens no cambio, beneficiando ainda de subsídios vários e ajudas de custo. O pessoal português já protestou junto da direcção da empresa contra a humilhante discriminação de que vem sendo vítima.

NOTAS...

(Continuação da pág. 3)

uns quantos quilómetros de ferrovias. E tem ainda o cinismo de vir a público, em nota oficiosa do Ministério dos Negócios Estrangeiros, declarar que "a Província fica desde agora completamente liberta de servidões e interesses estrangeiros", acrescentando que "da sua economia não são distraídos rendimentos e lucros para benefício alheio".

Como era de esperar, a operação-propaganda degenerou, tanto em Portugal como em Moçambique, numa explosão de ridículo. O "papão" do Malawi não amedronta ninguém. E nem por um momento faz esquecer os inimigos reais dos povos de Portugal e de Moçambique: os aliados e patrões de Salazar: os monopólios americanos, ingleses, oeste-alemães, belgas, franceses que são os verdadeiros donos das riquezas de Portugal e das colónias.

Os alemães compram tudo

A arrogância de que os alemães vêm dando mostras em Portugal continua aumentando. Consideram-se os autênticos donos do País. Não lhes bastam já a carta branca para transformarem Beja em cidade alemã, e o domínio de amplos sectores da industria nacional. Agora lançaram-se abertamente em negociações de compra de terrenos. Primeiro foi no Algarve onde quiseram também participar do festim hoteleiro, depois voltaram as suas vistas para o Norte do País. A sua ultima operação foi a compra de todos os lotes disponíveis em volta da Praia do Mindelo, em Vila do Conde. Esses terrenos, que meses atrás eram vendidos a sete escudos o metro quadrado, viram o seu preço elevado, após a intervenção alemã no mercado, para mais de quarenta escudos. Por outro lado, o preço das casas já existentes na zona da praia subiu de 70 a 80%. Os alemães estão igualmente interessados na compra dessas casas, mas, como operam por intermédio de corretores, torna-se difícil avaliar o volume dos negócios que estão realizando. Consta que, por trás dos intermediários, se acha o monopólio tentacular da Krup.

REPÚBLICA DE COLONOS...

(Continuação da pág. 3)

como santuário, o que não era suficiente para o político à procura de espaço vital. Agora que o cordeiro israelita revelou mais uma vez um terrível lobo e que uma nova guerra iniciada por Israel lhe irá dar largas compensações materiais e irá aguar ainda mais as ambições expansionistas da República de colonos, para que homens respeitados da Esquerda europeia abdicam lamentavelmente da sua visão universalista, como não confiar ainda na largueza e na grande poder da inteligência humana, quando ouvimos as declarações desse extraordinário Bertrand Russell: "... os que simpatizam verdadeiramente com as vítimas da agressão de Hitler na Europa não seriam aprovar a política de conquista territorial de Israel...". "A agressão é tanto mais injustificada quanto é perpetrada por pessoas que lhe conhecem bem as consequências".

Um livro que coloca

Salazar no banco dos réus...

Angola: Cinco Séculos de Exploração Portuguesa

de Américo Boavida

Uma obra de desmistificação em que um médico angolano denuncia e define com precisão o que é o regime colonial português em sua terra, documentando suas afirmativas com informações e dados estarrecedores.

UM VERDADEIRO LIBELO CONTRA
O COLONIALISMO SALAZARISTA

Um lançamento da Editora CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA

Pedidos pelo Reembolso:

RUA 7 DE SETEMBRO, 97 RIO DE JANEIRO — GB.

PEQUENAS NOTÍCIAS

● O semanário alemão de cultura e política "Sonntag" publicou em Maio uma entrevista com Manuel Alegre em que são largamente tratados problemas relacionados com a luta estudantil em Portugal.

● Os monopólios alemães tratam de assegurar a posse do urânio português, essencial para a industria nuclear de Bonn. O acordo foi preparado pelo governo de Kiesinger, mas a firma beneficiária será o poderoso grupo Metallgesellschaft-Decussa.

● O dr. Nuno Simões, homem que gosta de estar bem com gregos e troianos, continua a escrever elegias ao colonialismo. Recentemente escreveu no "Primeiro de Janeiro" um artigo em que critica duramente o escritor alemão Hellmut Kalbitzer, autor de um livro que denuncia o colonialismo salazarista.

● O jornal italiano "Stampa Sera", em artigo de Lamberto Furno, afirma que durante a recente peregrinação a Fátima, dez mil peregrinos tiveram de receber cuidados médicos por se terem ferido no cumprimento de promessas feitas ou de acidentes.

● A barragem do Caia, permitirá o aproveitamento de 7.400 hectares e custará 45.600 contos. A produção de cereais quadruplicará, a de arrós duplicará, a de tomates será cinco vezes superior e a pecuária quadruplicará. As terras beneficiadas pertencem aos grandes latifundiários da região de Campo Maior e Elvas.

● O governador geral de Angola declarou com orgulho, numa entrevista ao "Diário Popular", que desde 1962 já se gastaram mais de 50.000 contos com os Estudos Gerais Universitários de Angola. Mas não disse que só no ano corrente a guerra colonial custará oito milhões de contos, isto é cento e sessenta vezes mais!

● O chamado Movimento Nacional Feminino, entidade fascista, promoveu no dia 1.º de Julho o "Dia da Mulher Portuguesa", convidando católicos, protestantes, ortodoxos, israelitas e muçulmanos a orar nos seus templos pela "glória de DEUS e o bem da Pátria". Apesar de terem sido celebrados serviços especiais e de se tratar de um sábado, registrou-se a menor frequência dos últimos meses nos vários templos.

● O conhecido efebo dr. Paulo Rodrigues, subsecretário de Esta-

do da Presidência do Conselho, foi agraciado com a grã-cruz de São Silvestre-Pada, atendendo aos serviços prestados quando da recente peregrinação de Paulo VI a Fátima. Paulo Rodrigues é conhecido como o carrasco da Imprensa.

● O ministro Franco Nogueira visitou a Africa do Sul de 25 a 29 de Julho, mantendo demoradas conversações com o "premier" Vorster.

● Na ultima semana de Junho foram abertos dois creditos extraordinários, no Ministério das Finanças, "para as forças militares portuguesas no Ultramar". Um dos creditos é de 450.000 contos e o outro de 104.000.

● Portugal vendeu à Alemanha Federal no ultimo ano armamento no valor de 107 milhões de dólares.

● O orçamento completo para o financiamento da construção da base militar oeste-alemã em Beja é de 21.429.000 dolares.

● A empresa FEX, em Alhos Vedros foi vendida a um grupo sueco. Antes, era americana. Passou a chamar-se JEFA.

● ANIBAL AMARAL, torneiro da EFACEC, é um espião da PIDE.

● A PIDE tem incomodado ultimamente muitos ciganos, durante as suas rusgas nas tabernas, alegando que a maioria tem tendências subversivas...

● A fusão dos bancos Fonseca, Santos & Viana e Burday foi preparada sigilosamente só se tornando conhecida nos próprios meios bancários dias antes da sua efectivação.

● A falta de carne no Minho é cada vez maior. Em Braga, Guimarães e Viana do Castelo só é posta à venda carne congelada. Motivo: a carne fresca é toda contrabandeada para a Espanha.

● O governo oeste-alemão considera insuficiente a Base de Beja. Bonn projecta construir, a longo prazo, outra base, em Setúbal, na ilha de Tróia.

● Embora a EFTA esteja em fase de liquidação, afirma-se em Lisboa que vai ser criado o Ministério da EFTA e que à sua frente será colocado o ministro Correia de Oliveira, mais conhecido pelo sobrenome de «His Master Voices».

● O Patriarcado de Lisboa editou a Enciclica «Populorum Progressio com vários cortes».

● O jornal fascista «Atualidades» publicou um artigo contra as Testemunhas de Jeová intitulado: «Uma criminosa seita internacional mascarada de religião respeitável tenta subverter a nossa juventude».

● Quando realizavam uma reunião na rua Carrilho Videira foram presas em Lisboa, 30 Testemunhas de Jeová, incluindo crianças menores de 5 anos. Foram conduzidas para os carros da policia, sob ameaça de metralhadoras.

● Uma nova iniciativa editorial da F.P.L.N.: um excelente boletim em italiano.

● O Departamento «Psico-Sociais» que vinha funcionando junto do Exército Colonial foi oficialmente extinto. Motivo: o seu malogro junto dos soldados e oficiais subalternos.

● A Companhia Mineira do Lobito anunciou ter localizada em Cassinga-Sul, rochas com elevado teor aurífero.

● Em 1966, Moçambique forneceu cerca de 70% do açúcar consumido em Portugal. O preço foi muito inferior ao do mercado internacional.

Um poema: Catarina

Catarina Eufémia! O nome já entrou na história do povo português. Não é de estranhar assim que a heroína de Baleizão inspire artistas. Entre os que se deixaram seduzir pelo fascinante tema conta-se o nosso companheiro Vicente Campinas, autor de um belo poema revolucionário que acaba de ser editado em livro na Bélgica: "Catarina". A capa é de Miguel Flávio e o lançamento, realizado no dia 2 de Junho, na Livraria Italia, em Bruxelas, sob o patrocínio das Edições de Permanências Poéticas, constituiu-se numa significativa manifestação anti-fascista a que compareceram numerosos intelectuais belgas e dezenas de democratas portugueses.

Reproduzimos abaixo algumas passagens da introdução que Vicente Campinas escreveu para o seu próprio Poema.

(...) Sim, Catarina Eufémia, Catarina, a camponesa e companheira. Duplamente mãe e duplamente assassinada no momento



em que as balas fascistas a abateram, como indefesa avezinha. Grávida de muitos meses, um outro filho nos seus braços de trabalhadora da terra, ela fazia parte do grupo de protesto e de rebeldia contra a opressão. Ela era um dos fortes elos da corrente camponesa que exigia pão e trabalho. Desse grupo que corajosamente exigia trabalho e pão. Simplesmente, de cidadamente, exigia o que lhe era devido, o que era devido ao povo trabalhador. Ela era a expressão da força do grupo, da sua decisão, a qual estava ligada pelo ideal e pelo sofrimento.

Como os outros camponeses, Catarina enfrentava a Guarda Republicana ida ao encontro dos manifestantes, para os dispersar. Talvez a surpresa bailasse em frente dos olhos espantados desses fardados homens, também filhos do povo, como os camponeses. Talvez se tivessem sentido, nesse momento, fascinados pela ousadia dessas mulheres e desses homens, desarmados mas unidos como um bloco, fortes na coragem e decisão que a razão dá a todo o lutador em momentos tais. Talvez que no íntimo de grande parte desses fardados filhos do povo houvesse um aceno de solidariedade, de participação com essa manifestação por melhores salários, por mais pão. Talvez... E Catarina era uma parcela dessa força organizada. Ela simbolizava a resistência à ocupação da terra pelos monopolistas e latifundistas, terra sua e de seu povo, terra baleizoera que será um dia de quem a trabalhar.

(... Companheiros, de coração sangrante ergueram-na em seus potentes braços, Ergueram-na e partiram com ela. Seguiram com ela para os umbrais da eternidade. E ainda agora, agora e sempre, seguem-na, como bandeira e norte, exemplo e símbolo nas batalhas que se travam e vão travar-se para que o sonho de liberdade que iluminava Catarina e seus companheiros de jornada venha a ser conquistado pela realidade do povo sublevado e organizado para a vitória".

IMPrensa...

(Continuação da pág. 5)

des criadas nessas áreas por "táticas coercitivas e falsa propaganda" que, de acordo com o comandante das Forças Armadas de Moçambique, impedem a população local de apoiar as autoridades portuguesas.

Mondlane, porém, parece muito confiante em sua vitória final, com um sexto do território do país e um sétimo de sua população já sob controle do FRELIMO, a julgar por suas declarações em Londres. Em certos círculos de Londres acredita-se que Mondlane está certo de que praticamente se transformará no primeiro presidente africano do território português.

Nascido em Moçambique, trabalhou como camponês sob o governo português até os 15 anos de idade, quando um missionário suíço, que acreditava na excepcional inteligência do menino, enviou-o para estudar no Transvaal. Daí passou para uma universidade da África do Sul e, como afirma o próprio Mondlane, graduou-se eventualmente como doutor em Filosofia pela Universidade Harvard. Nos Estados Unidos visitou os 65 africanos de Moçambique que receberam bolsas de estudos do governo norte-americano.

(in "O Estado de S. Paulo, 15-7-1967)

PORTUGAL DEMOCRÁTICO

DIRETOR RESPONSÁVEL
Otávio Martins de Moura
SUCURSAL

RIO DE JANEIRO: Rua General
Pedra, 215 — Tel.: 43-0202

REPRESENTANTES

RECIFE: Manuel Luis Fernandes e Angelo Ferreira da Silva — Rua Real da Torre, 819 — 1.º

CURITIBA: Antonio Serpa — Rua Dr. Muriel, 712

LONDINA: Juizo Duarte — Edifício Centro Comercial — Apto. 141

PELOTAS: Heltor M. Bandeira — Rua 7 de Setembro, 312 — Pelotas — Rio Grande do Sul

INGLATERRA: Portuguese And Colonial Bulletin — 10 Fentiman Road, London, S.W. 8

BRUXELAS: Carlos Figueira — rue Jolly, 77 Schaerbeek — Bruxelles 3

HOLANDA: ANGOLA COMITE — Vinkenstraat 13 — Amsterdam — C.

CANADA: Portuguese Canadian Democratic Association 10 — Eden Place Toronto 2B — Ontário

A. dos Santos 7564 d'Outremont Ave. — Apt. 1 Montreal 15, P.Q.

VENEZUELA: Junta Patriótica Portuguesa — Apartado 8287 — Caracas

URUGUAI: Junta Patriótica Portuguesa del Uruguay Casilla de Correo n.º 2.128 — Distrito 5 — Montevideo

CHECOSLOVAQUIA: João Ribeiro — Postovní Urad/Jindřiská UL C.14 Schánka 646 — Praha 1 Tchecoslovaquia

FRANÇA: Grupo de Amigos de «Portugal Democrático»

FRANÇA: Grupo de Amigos de «Portugal Democrático» — 2, Place François Villon — Escalier E — La Courvenneuve — Seine — França

REDAÇÃO:

Rua Conselheiro Furtado, 191 Sala 2 — Tel.: 37-0933 — São Paulo

Caixa Postal 6248

Composto na Editora ESCRITOS Limitada Rua Almeida Torres, 119 — S. P.

EXPEDIENTE:

Dias úteis: das 19 às 22 horas Sábados: das 15 às 19 horas Número avulso NC: 0,20

Assinatura anual NC: 3,00

ANO XI - N.º 120 - AGOSTO DE 1967

Os artigos assinados traduzem apenas a opinião de seus autores, sendo por conseguinte de sua exclusiva responsabilidade.

OUÇA A RÁDIO PORTUGAL LIVRE

Diariamente das 8 às 8,30 em 50 metros; das 20 às 20,30 e das 22,13 às 22,43 em 32 metros; e das 0,30 às 0,50 em 36,40 e 43 metros. Aos domingos das 13 às 13,30 em 19,20 25 e 26 metros.

UMA EMISSORA A
SERVIÇO DO POVO
PORTUGUÊS

Ilusões Políticas

Fernando Piteira Santos

Em inícios de 1967, amigos nossos, democratas sinceros, inclinavam-se para a hipótese de que a situação do nosso país, situação que caracterizavam por um processo acentuado de desagregação do salazarismo e uma grave crise económica e social, se encaminhava para uma liberalização. Alguns adiantavam mesmo que o Sr. Oliveira Salazar não poderia deixar de acompanhar a evolução liberalizadora que, na Espanha de Franco, estava em pleno curso. E esses democratas, alguns dos quais teriam sido já sondados para apoiar as novas estruturas ou nelas participar, falavam convictivamente dessas estruturas de transição, citavam nomes, distinguiam fases, marcavam datas.

Passou o mês de Março. Passou o mês de Abril. A remodelação ministerial prevista, e que o próprio Almirante Américo Thomaz teria abordado em conversa provocada com o Professor Marcelo Caetano, limitou-se, sob o pulso ainda voluntarioso do ditador, a dois sucessivos remendos num tecido velho e desbotado. Primeiro, tivemos a substituição dos Ministros e sub-Secretários das Obras Públicas; mais tarde a substituição do Secretário de Estado da Aeronáutica. Mas, nem uma, nem a outra poderão ser enquadradas na anunciada perspectiva liberalizadora. O eng. Machado Vaz não é mais liberal do que o Eng. Arantes de Oliveira; o Brigadeiro Fernando de Oliveira não é mais liberal do que o General Francisco Chagas.

O governo não se renovou só porque em duas recomposições, aliás sempre reduzidas à expressão mais simples, houve pastas que mudaram de titular. O governo permaneceu igual a si próprio, igual ao seu chefe; a política do governo continuou a ser a mesma, a política do chefe do governo. O regime segue a sua fatal evolução: mantém-se, envelhece, concentra-se, isola-se, endurece. Prossegue a política de guerra colonial. A repressão interna intensifica-se atingindo, com particular brutalidade, os livros e os escritores.

Mas não foi só quanto à perspectiva de uma liberalização do salazarismo que os nossos amigos, democratas sinceros, tomando as suas ansiedades por realidades, uma vez mais se enganaram. O sr. Oliveira Salazar não se viu constrangido a acompanhar os rasgos liberalizadores do Generalissimo Franco, pela singela razão de que em Espanha, citamos as expressões de um socialista espanhol, a "hipótese evolucionista-liberal" degenerou em "escalada neo-autoritária".

Um regime fascista — é necessário não o esquecer — é um regime de poder pessoal, mas não é um regime em que o ditador (o chefe, o duce, o führer) seja um homem livre. Livre de ser ou não ser ditador, livre de, por súbita iluminação ou instantâneo arrependimento, transformar o poder que exerce, em nome de interesses bem determinados, no contrário da forma de governo que garanta esses interesses, na orientação política que contrarie os objectivos de que é o interprete ou o servidor. Conceber um Hitler sem Thyssen e sem Krupp, é uma ingenuidade.

O poder fascista — nunca será excessivo insistir nesta comezinha verificação — é um fenómeno mais complexo do que a ditadura pessoal do Sr. Oliveira Salazar. É politicamente errado identificar um regime fascista — e o caso português confirma a regra — com um homem, confundir a estrutura reaccionária, monopolista e repressiva da ditadura fascista com a vontade de governar, com a responsabilidade despótica, de um homem ambicioso, frio e obstinado.

Pessoalmente, o ditador, seja qual for a aparência de vida física ou mental que lhe reste, é um valor político gasto. Mas os democratas que espiam no écran da televisão os sinais de decrepitude, os índices de senilidade, os traços das doenças incuráveis do ditador, podem ser surpreendidos por um herdeiro do poder ditatorial que, mascarado de neo-liberal ou ajustando garbosamente a farda totalitária, se proponha continuar o salazarismo para além de Salazar ou desde já e mesmo sem Salazar.

Existem contradições no campo fascista, é incontestável. Mas não podemos deixar que essas contradições criem para a oposição democrática um suspense. As dificuldades internas do regime devem ser um factor de incentivo, de unificação, de organização, e não uma desculpa para a inactividade ou para que, dividindo-nos, enfraquecendo-nos, procuremos um caminho aparentemente menos longo, evidentemente mais fácil, mas que a experiência tem mostrado ser ilusório, ser o mais longo, o mais frustrante, o mais perigoso.

Perdem-se dias, semanas e meses. Perdem-se anos nesta doce ilusão de que há-de ser o regime salazarista a auto-reformar-se, a auto-dilacerar-se numa crise de consciência que o leve a prestar justiça aos bons portugueses que votou a um injusto ostracismo da vida política e aos novos e sólidos valores que estão dispostos a oferecer à ditadura fascista uma alternativa democrática. A luta anti-fascista é substituída, entre tropos flamantes e róseas ingenuidades, pela teoria da auto-regeneração liberalizadora do salazarismo.

Um exame mais atento da política económica e social do regime, um estudo mais exigente das suas origens, uma análise mais rigorosa das suas estruturas, levaria à conclusão de que as forças da oligarquia financeira, do latifundiarismo agrário, do monopolismo industrial, e os interesses estrangeiros, internacionais, a estes ligados, constituem um bloco poderoso que tem os seus servidores, que pode compor e recompor governos, improvisar e impor soluções políticas e que tem a sua própria linha política.

Isto parece claro. Meridianamente claro. Um velho camponês costumava dizer: "as galinhas sonham com milho".

Contra a experiência histórica e a lógica interna do regime, há homens-políticos que sonham com a herança salazarista. Esquecem que o ditador tem herdeiros naturais. Esquecem que o ditador é apenas o usufrutuário pertinaz de um poder (político e económico) que tem proprietários reais.

O C. D. E. comemorou o 18 de Julho de 36

O Centro Democrático Espanhol de São Paulo comemorou a passagem de mais um aniversário, o 31.º, da heroica resistência do povo espanhol à sublevação dos generais fascistas em 1936. Para assinalar devidamente a data, realizou-se na sede do Centro uma solenidade em que foi orador principal o Prof. Paulo Duarte, da Universidade de São Paulo.

No Uruguai, a Comissão de Solidariedade e Intercambio Cultural com o Povo Espanhol, presidida pelo ministro da Cultura daquele país, Luis Hierro Gambardella, promoveu uma Semana de Solidariedade a Espanha. Centenas de personalidades de todos os países da América Latina deram a sua adesão a um Manifesto assinado por 365 conhecidos intelectuais

espanhois e que abrange seis pontos:

- 1, Libertação de todos os presos e sua readmissão — assim como de todas as vítimas de represalias — nos seus centros de trabalho e estudo; 2, Aumento de salários e escala móvel dos mesmos; 3, Liberdade sindical e direito de greve; 4, Liberdade de reunião e de expressão; 5, Liberdades Políticas; 6, Anistia geral para os presos e exilados políticos.

"Portugal Democrático" fez-se representar nas comemorações do 18 de Julho e hipotecou a sua irrestrita solidariedade a um manifesto dos intelectuais espanhóis, através de elementos da sua Comissão de Redacção que assinaram as listas de adesão.

EMIGRANTES

Nos termos de um acordo estabelecido entre o governo da República Federal Alemã e o governo fascista de Salazar, o primeiro abate 80 mil escudos à dívida, hoje astronómica, que o segundo tem para com o Estado oeste-alemão, por cada trabalhador português que para ali emigre.

Em outras palavras: Salazar vende ao governo de Bonn operários à razão de 80 contos por cabeça! A política da exportação de homens, seguida há muitos anos em Moçambique, torna-se agora um facto também em Portugal. O proletariado português passou a ser encardado como rendoso artigo de exportação pelo governo de traição de Salazar.



O DRAMA DA EMIGRAÇÃO

Imagens como esta podem iludir muita gente no estrangeiro. As crianças estão bem vestidas, não apresentam o ar famélico de muitas outras que vivem nos bairros de lata e nas aldeias primitivas. São filhos de emigrantes! O preço desse bem estar relativo das crianças é a destruição da vida familiar de todos os que são forçados a ir para França, para a Alemanha ou para a América em busca de trabalho e dos salários que lhes negam em Portugal. A mulher e os filhos ficam, o pai parte! E o fascismo, responsável pela exportação maciça da força de trabalho da nação portuguesa, pelo exílio, provisório ou definitivo, de centenas de milhares de jovens, acaba por se regozijar cinicamente com o despovoamento do País: é graças aos dinheiros da emigração que Salazar consegue preencher o rombo colossal da balança comercial, equilibrando a balança de pagamentos.

Estudantes Prêso

Foram prêso pela PIDE, no Porto, a varias semanas, os estudantes Carlos Nelson Amador, aluno do 7.º ano de Letras do Liceu D. Manuel II e António Pires, do 2.º ano do SPI da Escola Industrial Infante D. Henrique. De acordo com os seus fins estatutários as Associações de Estudantes tomaram a defesa dos direitos dos dois jovens prêso, efetuando diligências junto das autoridades escolares competentes.

Continuam prêso, na mesma cidade, os estudantes António Francisco Carrelhas Cachapuz, de Preparatórios de Engenharia e José Augusto Nozes Pires, da Faculdade de Letras. Este último, apesar de doente, foi interrogado durante uma hora, no seu próprio quarto, pelo inspector da PIDE Sabino. Há pouco tempo, foi submetido a uma intervenção cirúrgica, à qual reagiu bem. Finalmente, foi libertado no dia 28 de abril, após um mês de prisão na PIDE, depois do trágico desastre da Arrifana, o arquiteto José Manuel Garrett Guimarães, sem que nada viesse justificar a sua detenção.

ÚLTIMA HORA

NOVAS PRISÕES

LISBOA (Do Correspondente) — A PIDE realizou ultimamente novas prisões sobre as quais não foi fornecido nenhum esclarecimento à imprensa. Uma delas foi a de Helena Noales, esposa do jornalista Alfredo Noales, destacado democrata recentemente falecido no exílio. A PIDE prendeu-a à saída de casa, e posteriormente recusou-se a dar informações à família.

MORTOS NA GUERRA COLONIAL

Publicamos abaixo os nomes de mais alguns militares mortos na guerra colonial.

GUINÉ: FERNANDO MOURA SOARES NOGUEIRA, de São Cosme; ANTONIO MOREIRA GOMES DANTAS, de Soure; ANTONIO REIS VIEIRA, de Machava; JOAO DAVID OLIVEIRA, de Fernelhos, todos soldados.

ANGOLA: ADOLFO DOMINGOS LIOJANKA e JOSÉ MARIA MOTA GONÇALVES, soldados; e LUPEU FERREIRA MUCOSA, primeiro cabo.

MOÇAMBIQUE: ARMANDO CHAVANGO, de Manhica; CARLOS ALBERTO NUNES VARELA, de Santa Comba Dão; ALVARO ROCHA FONSECA, de Paredes; FRANCISCO MANUEL VIEIRA, de Tolosa; ANTONIO JOAQUIM MACHADO, de Fafe; MANUEL DO NASCIMENTO ALVES, de Moncorvo; MANUEL ESCORIAO, de Idanha a Nova; AMERICO MENDES SILVA, de São Gão; e FRANCISCO FERNANDES CASTRO, de Viana do Castelo.

PORTUGAL DEMOCRÁTICO
R. Cons. Furtado, 191 - SP, Brasil
Endereços de Assinantes